

PARNAÍBA: A EDUCAÇÃO COMO MECANISMO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

PRISCILA DE MOURA SOUZA
UESPI. E-mail: cyla_moura@hotmail.com

UMBELINA SARAIVA ALVES
UESPI. E-mail: umbelinasaraiva@hotmail.com

Introdução

O presente texto busca analisar os primeiros processos de ensino aprendizagem, a forma como se configurou a formação social de Parnaíba no século XX, reconhecendo os interesses da época em seus aspectos, familiar, social e político, analisando a importância da instrução e suas contribuições para o processo de desenvolvimento da mesma. A educação pública é um assunto cuja história mostra suas configurações em todo território nacional. Tentando historicizar a educação brasileira, no intuito de melhor entender as lacunas do ensino público no Piauí recorreu-se a análise de Costa Filho (2006), Sousa Neto (2009), Queiroz (1998) Augusto Castro (2010) que versão sobre a aprendizagem das novas gerações no Piauí, a importância da família no processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento da questão educacional no Piauí.

A escrita da história da educação em nosso país tem se constituído em uma das mais importantes contribuições que historiadores e educadores têm fornecido como legado à memória e à cultura. Mergulhar na educação repassada a Parnaíba no século XX implica perceber os processos de modernização qual a cidade estava submetida.

No caso de Parnaíba, o ideário de modernização tem um caráter essencialmente comercial, devido à cidade sobressair-se uma sociedade burguesa ligada, sobretudo, ao comércio de importação e exportação. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Parnaíba

[...] florescia, nas ruas as grandezas dos casarões refletiam o desenvolvimento do comércio, artigos de diferentes origens, roupas, perfumes, motores, lojas, empresas de uma variedade sem número de produtos acessíveis a poucos; importações e exportações ligavam o Piauí a outros estados, a outros países, à Europa, símbolo do moderno. (NASCIMENTO,2005,p.211)

Ao analisar Parnaíba sob o ponto de vista do conceito de modernidade, consegue-se perceber algumas transformações e contradições. Seguindo o raciocínio de Marshall Berman, é possível perceber que:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN,1986,p.15)

A cidade pode ser representada por múltiplos e variados discursos, imagens, sons, podendo comportar, de acordo com o ângulo escolhido – racional, planejado ou consumido –, diferentes fazeres ou dizeres. Atualmente, as discussões sobre a cidade contemplam um campo amplo de abordagens, desde o político e econômico ao material e simbólico. Quanto ao olhar simbólico são percebidos gestos, comportamentos, imaginários, sensibilidades e sociabilidades. Enfim, um conjunto de percepções do viver urbano que passou a ser alvo de estudos de historiadores partidários de uma história cultural urbana. Para Pesavento,

[...] os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso, a cidade. (PESAVENTO,2007,p.15)

A escolha desta cidade se impôs por uma série de elementos: Parnaíba, a partir de fins do século XIX, cresceu e se consolidou comercialmente devido ao desenvolvimento da economia piauiense, pautada no extrativismo vegetal, sobretudo da carnaúba e do babaçu, exportados por grandes empresas comerciais como a Moraes S.A, a Casa Inglesa, a Casa Marc Jacob e o Pedro Machado S.A, e que provocou o florescimento de seu perímetro urbano, com calçamentos nas principais ruas, construção de casarões e abertura de novos estabelecimentos comerciais. Dentro desse contexto e aliada ao principal meio de transporte e comunicação da cidade – as estradas, a ferrovia marcou época ao se estender por muitos lugarejos e contribuir para o desenvolvimento de cidades e povoados ao longo dos trechos de sua implantação.

Nesse sentido, em Parnaíba, nas décadas iniciais do século XX, observam-se diversos paradoxos que configuram uma cidade inserida no conceito de modernidade acima citado, tais como avanços tecnológicos acessíveis a uma pequena parcela da população, falta de melhoramentos urbanos (saneamento básico, infra-estrutura urbana, etc.), principalmente na periferia, ausência de iniciativa do poder público quanto à construção de novos bairros e vilas, etc.

Parnaíba: uma Cidade com Ares de Moderna

A cidade de Parnaíba está situada no extremo norte do estado do Piauí, a 345 km da capital Teresina e a poucos quilômetros do mar, à margem direita do rio Igaráçu. Limita-se ao norte com o oceano atlântico; ao sul com os municípios de Buriti dos Lopes e Bom Princípio; a leste, com o município de Luís Correia e a oeste, com os municípios de Ilha Grande do Piauí e Araióses (MA).

Surgiu de uma fazenda de gado e começou por um agrupamento de casas sem ordem ou alinhamento, conforme grande maioria das cidades piauienses. Durante o século XIX, a cidade era marcada por um espaço urbano acanhado: com ruas irregulares,

cheias de curvas e sem orientação, o comércio exportador começava a se intensificar e o transporte das mercadorias era realizado principalmente através do rio Parnaíba e de animais, remetendo a uma idéia pautada no mundo rural.

Com o advento do período republicano, ocorreu o processo de modernização da cidade, que afetou a estrutura tanto urbana como cultural. No aspecto cultural, Parnaíba passou a ser dotada de grupos escolares de ensino primário, seguindo um ideal de progresso almejado pelos seus administradores e comerciantes, que apon-tavam a educação como instrumento para a formação de homens capazes ao trabalho, práticos e enérgicos, ou seja, “engajada no projeto de formação da capacidade produtiva e inovadora do homem da região, formando excelentes empreendedores e comerciantes”.

Nos primeiros anos do século XX, o aspecto acanhado da cidade cede lugar a melhoramentos, principalmente com novas edificações e uma preocupação maior com o saneamento e a estética. Para aqueles que idealizavam uma cidade bela, higiênica e ordenada, era necessário conduzir um projeto de remodelamento do espaço urbano e reorientação das condutas sociais da população, seguindo os moldes da civilização européia. A mobilização em torno da instrução como elemento principal de desenvolvimento ocorrerá com mais intensidade a partir de 1916, ano em que houve a inauguração da pedra fundamental da estação ferroviária de Parnaíba. Nesse ano, um cronista do jornal *A Semana* enquanto contemplava a chegada do “progresso” pela estrada de ferro, lamentava a falta de instrução:

[...] Lamentável, sobretudo, é a criança piauiense viver, em pleno século XX, século de luz, de progresso e de expansão intelectual, nas trevas do analfabetismo, da ignorância e da perdição e alheia aos movimentos da civilização mundial. Parnaíba, a primeira cidade do Piauí, depois da capital, não tem uma instrução regular. Os nossos *petitis garçons*, só compreendem o que os arrastem ao mal. São uns per-

dados (especialmente os da plebe) e em suas cabecinhas infantis não, passa, sequer, um vislumbre do que nobilita, que é essa humanidade caprichosa, do que é a vida de um homem sem cultura e experiência. [...] Aprendi, portanto, tão somente, a conhecer as dificuldades com que o homem luta pela vida. Profiguemos, pois, para que seja dado, aos nossos conterrâneos, o caminho do bem, do Dever e do Trabalho, por meio da instrução, que, infelizmente, tem sido, até hoje, aqui, um sonho para os pais que não podem mandar educar os seus queridos filhos, no Maranhão ou Ceará. (AUXAN,1916,p.2)

De acordo com a citação acima, o cronista criticava a falta de “instrução regular” às crianças piauienses, principalmente em Parnaíba, ficando “alheia aos movimentos da civilização mundial” do século XX, um século significado pelas ideias de progresso, iluminação cultural e civilização.

A educação é uma das muitas facetas nos processos de mudança de comportamento e sociabilidades, bem como no tocante aos diferentes usos e significações dados aos espaços destinados à instrução. Nesse sentido, a instrução pública é aqui analisada como ponto de convergência entre os aspectos das transformações materiais dos estabelecimentos de ensino e a idéia da educação como mecanismo de desenvolvimento da sociedade.

Esse espírito de esperança na redenção social via instrução ressoaria nas representações acerca do fenômeno da modernização da sociedade piauiense, especialmente no tocante à instrução pública. Na década de 1920, Parnaíba se destacará em âmbito regional numa atuação mais efetiva no que diz respeito à educação de seus habitantes. Para Antônio Lopes, “somente em 1922 efetivou-se uma política de modernização do sistema escolar da cidade” e, dentro dessa política estava “a criação dos grupos escolares”, como o Grupo Escolar Miranda Osório (1922), além da criação do Ginásio Parnaibano e da Escola Normal. Nesse sentido, nos discursos produzidos pela elite político-comercial de Parnaíba, a educação era

apontada “como central para o desenvolvimento do fator humano da produção e devia ser implantada conjuntamente com o desenvolvimento das vias de comunicação”. Em trabalhos publicados em prol da construção do porto de Amarração, representantes da elite comercial de Parnaíba consideravam que “o melhor meio do comércio se fortificar, robustecer, desenvolver”:

É procurar desenvolver a riqueza local simplificando e aperfeiçoando o aparelho de transportes e facilitando, auxiliando, dirigindo a vitalização da principal produtora de riqueza – a máquina humana. É condição primordial, pois do desenvolvimento econômico a intensificação e disseminação do ensino adequado ao desenvolvimento racional e prático do homem; não existe ensino pedantocrata e de especialidades ideológicas, mas um cultivo geral sobre as condições da vida e sua concepção social, seguido de um estágio prático com aplicações industriais, estas necessariamente especializadas, segundo a destinação do indivíduo. Um corpo comercial culto não pode adstringir-se ao fatalismo indiano que se abandona ao curso livre dos acontecimentos em lugar de dirigi-lo auxiliado pela apreciação das leis naturais que os governam. (MADEIRA,1920,p.49)

O processo de modernização de Parnaíba não acontecia somente no âmbito educacional, mas no aspecto comercial se fazia promissor, principalmente com o desenvolvimento alcançado nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Nesse período, intensificou-se o desejo de seus habitantes de alcançar a modernidade, pautados pela luta em prol da navegação do rio Parnaíba, ocorrendo o incremento do comércio, da indústria e da navegação a vapor e, principalmente, pelo porto marítimo.

Ao pensar Parnaíba nas três primeiras décadas do século XX, é interessante recortar os olhares que representavam, imaginavam e simbolizavam o espaço urbano da cidade, crendo que a “cidade é, por excelência, um objeto de múltiplos olhares, escritas e leituras, que traduzem, por sua vez, uma plenitude de saberes e

sensibilidades sobre o fenômeno urbano”. Nos documentos oficiais e em revistas especializadas pode ser observado um discurso pautado pela idéia de progresso, procurando na cidade indícios de modernidade e de transformações urbanas.

As crônicas que descrevem Parnaíba como moderna e progressista encontravam, em 1924, um veículo de expressão preferencial, o Almanaque da Parnaíba, periódico fundado neste ano e que representa um importante instrumento documental de análise do comércio, lazer e modernização da cidade da segunda metade do século XX.

Nas primeiras publicações do Almanaque da Parnaíba constata-se representações da cidade registradas nas crônicas, poesias e fotografias publicadas. Essas representações traduzem o dinamismo que a cidade vivenciava, manifestados pelo aumento populacional, pelas construções de grandes e belas residências, a abertura de avenidas, o calçamento das ruas, a construção e embelezamento das praças.

A leitura do conjunto de crônicas e poesias encontradas no Almanaque da Parnaíba, nos primeiros anos de publicação, dá uma visão de como a cidade de Parnaíba e seus habitantes eram percebidos por seus intelectuais. Em 1924, um cronista evidenciava o progresso porque passou Parnaíba nos anos de 1920, considerando a participação ativa do povo parnaibano e do poder municipal como fator que permitiu a implementação de inúmeros melhoramentos dentro do espaço urbano, como “a usina de luz elétrica, melhoramento a que se juntaram logo outros, como ajardinamento de nossa principal praça pública, construções de prédios municipais, reforma de outros etc.,”. Segundo o cronista,

Aquele que pela vez primeira visita hoje Parnahyba, quase impossível se lhe torna fazer uma apreciação exata do rápido ascendente que vem tendo nossa urbe, na senda do progresso, conquistando, pelo esforço exclusivo de seus habitantes e da Comuna, o principal logar entre as demais

idades do Estado. O mesmo já não sucede a quem a visitou um decenio antes e hoje a revê; ser-lhe-ha difficil ocultar a surpresa provocada pelo desenvolvimento, pela verdadeira transformação porque vem ela passando de ano para ano. (PARNAÍBA,1924,p.2)

Nesse ambiente de mudanças no cenário urbano de Parnaíba, o passado eminentemente rural, com características do período colonial, continuava fazendo parte e, assim, era necessário incutir um ideal de progresso, uma crônica destacava uma cidade que prosperava e se desenvolvia,

[...] Temos ouvido a diversos viajantes demonstrações como a de que tratamos; e é uma certeza que a nossa prosperidade, o nosso desenvolvimento se acentuam, de ano para ano já pelo crescimento contínuo de nossa população, já pelos melhoramentos sentindo partidos do poder público municipal como da iniciativa particular, que muito tem concorrido para o embelezamento da cidade, caracterizado pelo bom gosto na arquitetura das novas construções. Estas aumentaram continuamente, de sorte que, aos poucos vão desaparecendo aqueles aspectos que tínhamos de cidade colonial, com a casaria a afeiar-lhes as vias públicas. Por outro lado, cresce a cidade, sempre, sobretudo na direção da velha Catinga de Cima, hoje o excelente planalto da Nova Parnaíba, devidamente demarcado, com arruamentos retilíneos e elegantes praças, valioso serviço prestado ao Município pelo coronel Constantino Correia, a quando da sua gestão administrativa. (CIDADE,1927,p.1)

Nesse discurso o cronista procurou destacar que o processo de desenvolvimento de Parnaíba teve participação ativa tanto do poder público municipal quanto da iniciativa particular, principalmente da elite comercial da cidade que colaborou para o surto de progresso ocorrido dentro do espaço urbano, através de um discurso que pregava a entrada do “progresso” e da “civilização”, ao propor mudanças estruturais no espaço urbano e nos transportes.

O Piauí possuía um caráter ruralista, do pastoril e do agricultor caracterizado pela produção familiar desenvolvida na grande e na pequena propriedade que cediou as primeiras formas de instrução, o ruralismo e o comércio definia o quadro social, político e econômico da época, nesse contexto se deu as primeiras formas de instrução que dialogava com os costumes, os princípios e as relações sociais da época. O ensino é pauta recorrente na discussão sobre desenvolvimento de Parnaíba, onde o progresso depende, dentre outros aspectos, de uma sociedade civilizada. As trajetórias analisadas mostram que não havia consenso sobre a necessidade de escolarização para a formação dos jovens em adultos, podemos entender as práticas familiares como esforço de fazer com que os jovens ingresassem desde cedo na vida adulta. Do mesmo modo compreende-se o investimento dos pais para dotar os filhos de um ofício, municiando-os dos meios necessários para dar início à vida adulta.

Considerações Finais

A instrução pública servia para seduzir os indivíduos à ordem por meio da cultura escrita. Com a instrução da população, a possibilidade de o Estado impor o ordenamento social através de códigos de leis aumentava consideravelmente, pois os indivíduos eram instruídos a tornarem-se civilizados, mantendo uma postura de autocontrole, conhecedores de seus direitos e deveres diante do Estado. A disciplinarização das classes populares, a partir da educação de suas crianças, foi um objetivo importante no desenvolvimento da cidade de Parnaíba.

Referências Bibliográficas

COSTA FILHO, Alcebíades. *A ESCOLA DO SERTÃO: ENSINO E SOCIEDADE NO PIAUÍ, 1850-1889*, Teresina, Fundação Cultural Monseñor Chaves, 2006.

FREITAS, Marcos cézar. *HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA*. São Paulo: Contexto, 2001

VIEIRA, Lêda Rodrigues. *CAMINHOS DE FERRO: A FERROVIA E A CIDADE DE PARNAÍBA, 1916-1960*. Lêda Rodrigues Vieira. – Teresina: 2010.

QUEIROZ, Teresinha. *OS LITERATOS E A REPÚBLICA: CLODOALDO FREITAS, HIGINO CUNHA E AS TIRANHIAS DO TEMPO*. 2ª ed. Teresina, 1998.

SOUSA NETO, Marcelo de. *ENTRE VAQUEIROS E FIDALGOS: SOCIEDADE, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO PIAUÍ (1820-1850)*. Recife, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *O CAMPO E A CIDADE NA HISTÓRIA E NA LITERATURA*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.